



A ICONOGRAFIA DO BOLCHEVISMO



O bolchevismo visto pela caricatura americana, inglesa e francesa. Em Londres, Paris, New-York, Brooklin e S. Francisco. Verdades amargas e coisas risonhas.



A Rússia de ontem e de hoje. — De *The Passing Show*.

tador profissional como nada tem e nada é tem tudo a ganhar.

SE neste «pandemonium» de caricaturas procurarmos as verdades do «Life» em que se diz que são os açambarcadores que alimentam o espectro do bolchevismo e daquela em que o operário responde ao agitador que quer que ele paralise as indústrias e queime as fabricas «então que farei eu depois?», pareco-nos que sim, que são os açambarcadores que fomentam o bolchevismo e pareco-nos que só o operário tem que perder com a atrofiação da sua indústria. O operário tem que perder sim, o agitador profissional como nada tem e nada é tem tudo a ganhar.

Se em lugar das verdades procurarmos a crítica ironica, veremos que ela está em todas as outras caricaturas. Tanto n'aquela em que o homem das cavernas segura a fêmea pelos cabelos,

como na em que os petizes manietando a criada para trincar toda a fruta proclamam «ipso facto» o «so. viet». Está n'aquela do «New York Times» em que se



O bolchevismo na pré-história. A marcha nupcial. — Desenho de Wigfill em *The Bytander*.

mos Lenine em lugar do Guilherme II. Este teve a megalomania imperial, aquele tem hoje a megalomania revolucionária. Ambos loucos, a quem o poder subiu á ca-



São os açambarcadores quem alimentam o espectro do bolchevismo. — De *Life*.



Na Rússia bolchevista. O russo bolchevista caca o russo burguês respeitável. — De *The Noddy*.



1. e 2. O BOLCHEVISMO VISTO PELOS AMERICANOS: Os vermelhos a quem não tem ocupamos as terras.—Os vermelhos que querem hoje ocupar a nossa terra.—Do *Life*.—3. Satanaz rejubila:—Nunca encontrei melhores aliados...—Do *Life*.—4. Pode apertar-se esta mão em tal estado?—De F. Bu-



chanan em *The Bystander*.—5. Krassine, caixeiro viajante de Lenine, Trotsky & Comp.^ª.—Desenho de Barrère no *Fantasio* de Paris.



beça e perturbou a razão. Guilherme queria fazer o mundo todo alemão. Lenine quer fazer todo o mundo bolchevista. Acabarão igualmente, se é que Lenine não acabará pior. Já há rumores de coisas tremendas lá para a Rússia. Marinheiros e operários que se revoltam e em massa se trucidam. Operários que sob o regime burguês trabalhavam as ideais 8 horas passam militarizadamente a trabalhar 14. Mas há pão, carne, manteiga em abundância? Não. Há rublos. Mas de que valem, de que servem os rublos se não há nada, se nada podem comprar.

Lenine vai à caça. Leva o frio, a fome, a miséria por convidados. Digam-nos se esta ironia não é igual à do personagem do «André Chenier», a opera, apresentando os inferiores: «Sua



A Rússia ouve o canto do cisne da musica bolchevista.
Do Life.



O bolchevismo estende a tela para os antigos soldados que lhe fogem.—Do Frank Holland.

grandeza a miséria! Decididamente nada no mundo se cria, nada há de novo debaixo do sol. Houve idiotas, parias, famintos, escravidão, miseráveis. Havel-os há todo o tempo que a Terra rola no espaço. Esta iconografia do bolchevismo é alguma coisa; não é tudo do que as grandes revistas têm publicado. É uma «raccolta» breve, um respigo da flor do mais curioso. Mas quanto fica por publicar!



Amigos, amigos negócios à parte.
Cautela com estes magicos, John!
De The Passing Show.

Ha, é certo, composições pictóricas, quadros verdadeiros como a série «em nome dos soviets» que «The Sphere» publicou. Em nome dos «soviets» homens armados esvaziavam os estabe-

lecimentos; em nome dos «soviets» homens armados a pretexto de visitas domiciliares assaltam e roubam as casas particulares. São desenhos de Ugo Matania feitos sobre a descrição da testemunha J. Jeffery. Mas há coisas maravilhosas que o espaço nos não deixa publicar. Ao lado da iconografia caricatural e pictórica há a iconografia seria de fotos, de retratos, de notas, estampilhas, cartazes, proclamações. Essa daria um outro artigo curioso, mas não o faremos nós que não temos outra função senão a de encontrar o lado pi-



O terror vermelho.
Do Lloyd's Magazine.



Lenine propõe-se substituir o kaiser no seu plano de dominação universal.
Do New York Times.



EM NOME DOS «SOVIETS». — A bacanal bolchevista

(De The Sphere)



O que é o sistema bolchevista,
de Marcel Cappy em *The Bystander*

Portugal é América através da Persia e do Japão! Da Groen-
landia à Terra de Fogo atravessa a África!...

Que poemas de ironia e de crítica conforme o temperamento
de cada povo, de cada raça...

O «Judge» americano publicou há tempos uma página de cari-
caturas recortadas de outros jornais. Há uma do «Brooklyn
Eagle» que é uma verdadeira maravilha. Representa o mar. Ao
longe um navio vai ao fundo. Um naufrago, a civilização, nada



No regime bolchevista:

—Nesse traje, meu caro minis-
tro...

—É o novo uniforme oficial das
sessões da Câmara.

De Chaperon Jean em *The Bys-
tander*.

mundial lhe é adversa. A prova
aí fica e prova também que os
caricaturistas têm verdadeiro
talento.

Entre as caricaturas que o
espaço nos não permite publicar
algumas há verdadeiramente cu-
riosas. Nós publicariamos, se
quiséssemos, caricaturas do «Ne-
belspatter» de Zurich, do «Sim-
plicissimus» de Munich, do «Ri-
re» de Paris, de «The World»,
do «Wahre Jacob» de Stuttgart,
do «Notenkruker» de Amster-
dam, do «Numero» de Turin,
do «New York Evening World»
de New York, de «The Illus-
trated London News», de «The Pa-
trician», do «Nuevo Mundo» de



O soviet e a criada. Uma fase do bolche-
vismo

de Heath Robinson em *The Bystander*

Madrid e até do
«Riso da Vitória»
de Lisboa.

A iconografia
do bolchevismo é
coisa capital e di-
fícil de fazer.
Reunir o que o
mundo pensa do
bolchevismo, de

N'outra do
«Providence
Journal» a Ame-
rica envia n'uma
grade, como se
fossem coelhos
ou galinhas, todas
as agitações pa-
ra fora do seu ter-
ritório.



O tio Sam—se você se não acomoda e
me enfiar de desterro-o para a ilha
Ellis.—Do *Life*.



O novo S. Jorge. O bolchevista
e os reis
Do *Lloyd Magazine*.

Toda a Alemanha está cheia de cartazes contra o bolchevismo. Um é um esqueleto com um panhal nos dentes. A o longe uma coiza coberta de cruzes tem no cume uma forca. Outro é um enorme negro. N'uma das mãos tem uma bomba, na outra um punhal.

Mas pagina para ponderar é aquela a que «Le Rire» chamou «Les aveugles». Um deputado ou senador diz: «Messieurs, une question domine toutes les autres: notre réélection.» Um diabo tricolor tripudia emquanto na sombra o bolchevismo, a fome e a desordem aparecem. É um aviso, é uma profecia? Mas se ha tanto cego por esse mundo de Cristo! A iconografia do bolchevismo? Mas não é sequer



um palido resumo o que ali fica.

Só em caricaturas, o «ridendo castigat mores» do poeta, quantos volumes? Em fotogratias — e algumas ha terribes como a daquelle official polaco preso a uma arvore macabramente, que «L'Illustration» publicou — quantos milhares?

Para tudo isso quantas paginas seriam precisas? Quantas e Illustrações Portuguezas?

Houve tempo em que o espectro que apavorava o mundo era a anarquia. Hoje é o bolchevismo. O bolchevismo! O mal que se tem dito d'ele enche bibliotecas. O bem que se tem dito é certamente em russo e obrigatorio.





1. Lenine vai a uma cascata! O assassinato, o gelo e a fome são os inevitáveis convidados do governo bolchevista. (De Raemaekers em *The Bystander*.)

2. Ao conselho do bolchevista para que destrua as indústrias e incendie as fábricas responde o operário: — E depois então o que é que eu farei? (Do *Dayton Daily News*.)

3. Lloyd George recebe com afabilidade o embaixador bolchevista. (Do *San Francisco Bulletin*.)

4. A arrogância do bolchevismo sucederá o que sucedeu à arrogância da Alemanha. Não conquistará o mundo. (De *Brooklyn Eagle*.)

5. Bolchevismo ou Alemanha? (Do *Life*.)

6. Este bolchevista russo assassinou todos os seus amigos e adversários. Neste momento cogita em se atacar a si próprio sem uma formal declaração de guerra. (De Hugh Williams em *The Bystander*.)

7. Uma alegoria. (De *La Vie Parisienne*.)

